JC
JORNAL DO COMMERCIO

SELVA

ANO I — Nº 05 — Amazônia Ocidental, Zona Franca de Manaus, Brasil, SETEMBRO/1991

EXEMPLAR
Cr$ 300,00

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

BIBLIOTECA PARTICULAR DE MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

Prof. MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

A EXPRESSÃO DA VERDADE...
(DENDROLATRIA)

SEC-30502
-2554-

Ponto de Vista JMPINTO

Hino de fé e esperança

O professor Mário Ypiranga Monteiro, do alto dos seus 84 anos de vida, entrou de corpo, alma e coração na luta em defesa da Amazônia.

Nossa **ANA (Agência de Notícias da Amazônia)** *está nesta edição do* **SELVA nº 5,** *publicando o seu trabalho:* **A EXPRESSÃO DA VERDADE... (DENDROLATRIA),** *para ser lido, analisado, discutido, julgado e acima de tudo servir de fonte de informação para que se possa tomar posição, após profunda meditação sobre os* **dados e informações** *contidos nesta narrativa do professor Mário Ypiranga Monteiro.*

Pela formação intelectual e moral do professor Mário Ypiranga Monteiro lhe sobra conteúdo, forma e dignidade para dizer: 'Há mais de 400 anos os saques vêm ocorrendo na Amazônia e a selva não mostra nenhuma ferida no seu conjunto que venha a inculcar desmatamentos'.

Com isso, entra forte e contundente o professor Mário Ypiranga Monteiro, colocando no mínimo em xeque-mate os cientistas que se rotulam conhecedores da problemática amazônica.

O professor Mário Ypiranga Monteiro desmascara, até de modo irreverente, porém válido, a sequência de falácias assacadas sobre a Amazônia e chega mesmo a tratar o todo-poderoso Jacques Cousteau de **tolaz.**

Por aí, vai o mestre de todos nós, de modo científico, racional e dentro do bom senso, prestando depoimento do dia-a-dia a respeito da Amazônia.

Nos faz o professor Mário Ypiranga Monteiro, com o seu atual texto, relembrar a 'Canção de Fé e Esperança', de Álvaro Maia, um libelo contra o Governo Federal pelo abandono que relegara a Amazônia, fato esse ocorrido em 1922, em discurso proferido no Teatro Amazonas por ocasião da comemoração do centenário da Independência do Brasil.

Hoje temos **A EXPRESSÃO DA VERDADE... (DENDROLATRIA),** *de autoria do professor Mário Ypiranga Monteiro, que além de reeditar, amplia o libelo no tempo e no espaço, chamando atenção dos responsáveis não só pelo Poder Central de nosso Brasil, bem como das grandes e pequenas potências internacionais com interesses escusos sobre a Amazônia e transforma-se no* **HINO DE FÉ E ESPERANÇA** *do fim de século da região.*

É obrigação de todos nós tomarmos posição sobre o trabalho do professor Mário Ypiranga Monteiro, pois está em jogo o nosso futuro.

É isso aí!

Apresentação

A manifestação expressa deste festejado e respeitado homem das letras amazônicas, professor Mário Ypiranga Monteiro, com quem tive o privilégio de conviver na minha juventude ginasiana, em Manaus, e a oportunidade de admira-lo pelo zelo e perspicácia com que acompanha a história do nosso povo, significa mais uma voz forte em defesa da Amazônia, parceirando-me na luta vigilante neste momento histórico de rara similitude.

As circunstâncias atuais são deveras sérias e decisivas. A oportunidade deste pronunciamento é de uma influência contundente, cujos resgates só podem se efetuar pelo reconhecimento de nossa comunidade na vitória final, que é certa, não tenho dúvidas.

A figura pessoal que representa o professor Mário Ypiranga Moteiro constitui um dos principais pilares de nossa historiografia.

Na abordagem deste fecundo trabalho de pesquisa que denominou *'A EXPRESSÃO DA VERDADE... (DENDROLATRIA)'*, fundamenta de forma acadêmica, teses que nos inspira, a todos, e estimula a continuarmos na nossa peregrinação persistente no esforço de desmascarar os mitos, os preconceitos, as meio-verdades e as falácias que há muito tentam impingir e insinuar sobre os conceitos e as concepções filosóficas a respeito da Amazônia.

A validade de seus argumentos é corroborada e avalizada pelo conhecimento científico, pelas pesquisas que faz e, sobretudo, pela experiência vivida nesta região.

A sua pena, além de ensinar gerações, constitui-se num testemunho vivo da vida presente e passada do nosso povo.

A obra do professor Mário Ypiranga Monteiro, construída pedra por pedra, como se pudéssemos dividir em pedacinhos a história desta imensa região, culmina neste conciso trabalho de forma brilhante, com sabor de vida, diferente de tantos quantos se jactam em falar da nossa realidade, sem nunca terem posto os pés no solo úmido desta terra, molhado as mãos nas águas negras ou barrentas dos nossos rios ou sentido a brisa suave de nossa floresta.

Do alto de seus 84 anos, pode este homem legar às gerações atuais e futuras, como também a todos aqueles que honestamente se propõem a estudar este paraíso verde e humano, uma cultura e um conhecimento de dentro para fora da Amazônia. É na verdade um clamor que deve ecoar nas plagas, tanto brasileiras, como estrangeiras, que se comprazem em difamar a Amazônia por desconhecimento ou intenção perversa.

Ilustre professor Mário Ypiranga Monteiro, a sua força chega no momento certo em que o homem amazônico clama por socorro, esperneia contra a miséria em que se encontra, com as suas aspirações sufocadas e o seu desejo de melhorar de vida tolhido, pressionado por movimentos estranhos que se camuflam sobre a bandeira da 'ecologia'.

A Amazônia, através de seus filhos, por certo saberá reconhecer o brado adulto desta sua vivência octogenária, quando seus netos puderem gozar de uma vida no padrão idêntico ao dos povos civilizados.

Neste instante, apenas um singelo agradecimento pelo seu ingresso na batalha que se trava no campo das idéias e dos ideais amazônicos, em nome de nosso sofrido, porém, esperançoso povo.

Juntos construiremos a Amazônia e o Amazonas dos nossos sonhos.

Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo
Governador do Estado do Amazonas

A expressão da verdade...

(DENDROLATRIA)

A Amazônia Ocidental é ainda a região mais pessimamente conceituada neste últimos vinte anos

A Amazônia Ocidental é ainda a região mais pessimamente conceituada nestes últimos vinte anos, por motivo talvez da exuberância dos seus recursos naturais e da excedência dos seus atributos menos ofertativos como sejam o Homem e a Economia. **O paradoxo reside no fato de ser a região brasileira mais visitada pela literatura científica nos quatrocentos anos de revelação, literatura de alto nível que não chega ao consumo da camada inferior da região, ao passo que a outra literatura, a ficcionista, mais despojada de verismo, é justamente a mais consumida.** Poetas, ensaístas, pintores, antropólogos, etnólogos, músicos, dramaturgos, romancistas, médicos, linguistas, navegadores, aventureiros, cavalheiros de indústria, conferencistas, geógrafos, cineastas, toda a congérie que pensa e calcula, escreve e perambula, vive de ócio remunerado e do trabalho acreditato, pôs uma lança na Amazônia, desfrutou do prestígio de referi-la numa ou noutra página. Até mesmo os que lá nunca foram nem pretendem ir, de medo das feras insolentes, dos homens mal-avezados a digerir febras civilizadas, dos sortilégios, dos mistérios, das surpresas. A Amazônia sempre sugeriu um mundo diferente que se torna necessário redescobrir a cada século, ou talvez de cinquenta em cinquenta anos, a fim de que as esgotadas fontes de sua magnificência sirvam a gerações deslumbradas. A cultura amazônica, inclusive para os que lá mourejam, ficou seccionada em duas bandas distintas para aqueles que teimam em conceituá-la; a que resiste a qualquer tipo de crítica analítica, e neste lado incluimos as ciências e a história; e a que às vezes merece repúdio, ou seja a literatura de ficção. O ensaio apressado, a interpretação mal condicionada ao juízo crítico, o erro de observação, a falsa apologia dos valores coexistenciais têm perturbado a medida justa de suas lídimas proporções mesológicas. **Parece que o grande mal da região é sua própria grandeza, que a impede de ser cosmovisionada pelos pigmeus.** Por outro lado o grande mal que aflige a região foi ser presa de início da exaltação que empolgou o ânimo aventureiro do europeu ainda não saído de todo do crepúsculo da credibilidade palúrdia que absorvia os vagidos da ciência. Descoberta (não incluímos aqui nem o acaso, nem a providência) numa época em que o Humanismo iniciava o esmagamento da querela da razão contra o sentimento, foi pela tábua rasa da lenda que a Amazônia Ocidental entrou no circuito da realidade e da popularidade. Foi mais pelo sentimento do que pela filosofia que o índio deixou-se visgar, pois o Homem amazônico, esquecido durante estes quatro séculos de injúrias, não comparece senão mediocremente ao referendário nacional, quando estão em jogo interesses políticos ou outros de menor valia.

O grande mal que aflige região foi ser presa de ínicio da exaltação que empolgou o ânimo aventureiro do europeu

Foi mais pelo sentimento do que pela filosofia que o índio deixou-se visgar

Consideramos de suma necessidade referir um episódio fadado a ser esquecido na sua trajetória milenar pela região que povoou, defendeu, e continua defendendo contra os imperativos de ordem religiosa, moral, econômica, social: o índio e o seu próximo herdeiro, o Caboco, não oneram as páginas surpreendentes em que cientistas e divulgadores outros pretendem (não raro com sucesso) reconciliar o anedótico com a realidade, a história com a fantasia. Nestes quase quatro séculos de aparente virgindade, a Amazônia Ocidental cresceu mais para o lado da exploração literária do que para o lado da divulgação científica. Isto porque todo mundo acha que pode fazer dela um sucesso de ficção, enquanto que os verdadeiros interessados em explorar-lhe os ângulos menos expostos se acanham de vir para a televisão e o jornal, falar de **devastação** e de outras **imperitinentes heresias**. Não houve aquele interesse humanista pelo antropocentrismo amazônico, e sim pela auréola de sedução misteriosa que resultam suas criações espirituais. Ninguém se refere ao Ca-

O Homem amazônico, esquecido durante estes quatro séculos de injúrias, não comparece senão mediocremente ao referendário nacional, quando estão em jogo interesses políticos ou outros de menor valia

boco como um forte, e chegou-se ao dislate de considerá-lo mero **adorno enfeitando a paisagem**, contrariando deste modo o clássico epônimo científico.

Foi a ficção que embalou as iterativas preocupações do homem europeu e/ou europeizado. É claro que estamos opinando de maneira relativa, sem esquecermos as explorações dos cientistas, mas é de notar que o maior interesse era pela Natureza ofertativa, vegetais e animais a reclassificar, mas nem o solo nem o Homem (aliás o subsolo) mereceu a divulgação necessária. E poucos foram os cientistas que dedicaram páginas ao guardião da selva. Um exemplo em contrário é o mineralogista Hartt interessando-se pelos mitos do jabuti, de Von Martius registrando danças indígenas e do naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira exercitando a antropologia cultural a par da divulgação de vegetais e animais. Todavia que o exemplo mais excepcional será aqui o do botânico brasileiro dr. João Barbosa Rodrigues cultivando com esmero o folclore amazonense. Pergunta-se a razão dessa preferência inusitada. Seria a sedução da novidade ou haveria no homem um recanto em que ainda não havia explodido o sentimento pelas coisas triviais, naqueles tempos tidas por nugas dispensáveis.

Nestes quase quatro séculos de aparente virgindade, a Amazônia Ocidental cresceu mais para o lado da exploração literária do que para o lado da divulgação científica

Viu-se sempre a Amazônia pelo lado do absurdo, usando aquela luneta mágica do conto, mas talvez que esse 'aumentativo' fosse ainda herança da idade-média européia. Invés de referir-se a ela em termos exatos racionais, duplicou-se, triplicou-se a visão dos seus referentes.

Não houve aquele antropocentrismo amazônico, e sim pela auréola de sedução misteriosa que resultam suas criações espirituais

Nem Inferno nem Paraíso. Não estamos citando o autor que viveu de fato a experiência cotidiana da selva: Alberto Rangel continua sendo mal interpretado. A sugestão aí nas páginas de O INFERNO VERDE não alcançou ser entendida pelos soletradores de paleógrafo. Os críticos literários (deixem-me dizer que há oitenta anos não havia crítica literária de profundidade, somente epidérmica, de endeusamento ou destruição) deixaram-se impressionar por dois valores sugestivos na obra: o estilo literário e a predominância do horresco. **Não visitaram a estrutura social em que se debate o homem amazônico escoteiro de ambições e de justiça, fruto anônimo de uma procrastinação secular.** Alberto Rangel não exorcizou a terra que o acolheu generosamente e o enricou. Não é a terra que se refere com amargura, nem aos males que possa trazer ao homem. Inferno Verde não é a soma de maldições que Deus despejou do seu alforje nem são muito menos os caldeirões em que fervem os miasmas letais. Inferno Verde não são as decisões injuriosas da Natureza madrasta. Inferno Verde não é a selva bruta com sua atmosfera morna e opilante. Inferno Verde não são as surpresas cotidianas preparadas pelas feras e pelos cabocos empenachados. **Alberto Rangel definiu bem o mundo amazônico, o planeta vegetal quando não vacilou em apresentar a Amazônia como aquela virgem índia — Maibi — sacrificada junto à árvore da borracha, e tendo sob os fartos úberes e pelos membros dilacerados, os cadilhos coletores do seu próprio sangue.** Mas os críticos, principalmente os enfatuados **literatos da rua do Ouvidor não enxergaram nesses sinais reivindicadores nenhuma semiótica do sacrifício.** Fletiram seus vidros de aumento para uma nefanda conjugação de fatores que invés de elegerem a boa e generosa terra que enriqueceu a muitos valdevinos em última *ratio* da existência. O cúlmen da punição.

Foi a ficção que embalou as iterativas preocupações do lhomem europeu e/ou europeizado

Não é Inferno nem Paraíso. Não é Inferno porque os fortes que lá nasceram resistiram durante séculos àquilo que os demagogos baratos pretenderam transformar em terra de degredo, e onde não morreram nem de susto nem de paludismo os bons brasileiros do tipo de José do Patrocínio Filho, almirante Von Hunholtz, coronel Afonso de Carvalho e os soldados enviados para Cucuí a fim de guardá-los. Daquele exílio furtou-se de medo o poeta **Olavo Bilac, o mesmo que não trepidaria em maravilhar-se com os mitos indígenas.**

Não é Paraíso porque a idéia hedonista do vergel primevo não esconde nem a malícia da serpente nem a caricatura do sofrimento humano. O nosso ufanismo não chega a transformar uma região de perigos constantes em nirvana para delícia de usuários que dela se servem sem utilizá-la de volta como moeda circulante, beneficiando a todos. Paraíso talvez seja ela no que tange à fertilidade do solo e ao sossego em que vive o caboco, distante das disputas ferozes pelo pão de cada dia. Dizer que o homem não sua para obter o alimento é quase esquecer o Eclesiastes. Ele necessita enfrentar o sol causticante, a chuva sazonal, as enchentes periodais, os bichos daninhos, e essa labuta requer a constância dos braços e as lágrimas dos suores. Poderia pensar-se ser **o homem amazônico um acomodado**, mas isso seria negar-lhe as **qualidades morais e intelectuais**, que as tem em proporções que não desmentem seu persistente apego à terra. **O que ele não é, é bravateiro. Mas podemos considerá-lo exagerado nas suas preocupações ordinárias com o meio ambiente, que utiliza com parcimônia quase religiosa.** Não há exagero no que se afirma: é uma fitolatria a sua capacidade sensual de respeito aos vegetais. **Não pode ser acomodado no sentido pejorativo, o homem que sozinho ou em grupo desafia, dentro dágua, a uma fera de mais de cinco metros de envergadura.** Não estamos pensando em sucurijus de quarenta metros, que isso é fantasia de civilizado. Fiquemos nos modestos dez metros, mas os jacarés que povoam rios e lagos da região não se parecem nem de longe com aqueles tingas do Pantanal, que deslumbram a ingênua receptividade dos jornalistas do asfalto. Qualquer pessoa instruída pode confrontá-lo na obra insuspeita

E poucos foram os cientistas que dedicaram páginas ao guardião da selva

Viu-se sempre a Amazônia pelo lado do absurdo, usando aquela luneta mágica do conto, mas talvez que esse 'aumentativo' fosse ainda herança da idade-média européia

Os críticos literários deixaram-se impressionar por dois valores sugestivos na obra: o estilo literário e a predominância do horresco

Não é Inferno nem Paraíso

Não é Inferno porque os fortes que lá nasceram resistiram durante séculos àquilo que os demagogos baratos pretenderam transformar em terra de degredo

Não é Paraíso porque a idéia hedonista do vergel primevo não esconde nem a malícia da serpente nem a caricatura do sofrimento humano

O nosso ufanismo não chega a transformar uma região de perigos constantes em nirvana para delícia e usuários que dela se servem sem utilizá-la de volta como moeda circulante, beneficiando a todos

Ele necessita enfrentar o sol causticante, a chuva sazonal, as enchentes periodais, os bichos daninhos, e essa labuta requer a constância dos braços e as lágrimas dos suores

do naturalista Henry Bates, que passou quinze anos na Amazônia Ocidental. Note-se que a ilustração do inglês favorece ainda mais porque acompanhada de descrição vulgar. Esses fatos não são geralmente admitidos pelo comum das pessoas, mas recentemente um canal de televisão (por sinal que **reincidente em dizer mal da Amazônia Ocidental) projetou uma caçada ao jacaré, habilidade em que é fértil o caboco.**

Após esta motivada digressão, em que consideramos prioritário o estudo antropocêntrico do homem amazônico, a fim de contrabalançar sua ausência na paisagem universal da cultura, voltamos ao nosso primeiro projeto que seria, com licença da expressão, uma crítica não muito profunda, do conhecimento da região. Do fato de a Amazônia Ocidental aparecer na teoria de publicações de todo o gênero com um saldo de mais de vinte mil títulos (ver BIBLIOGRAFIA AMAZÔNICA, dois volumes, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Rio, 1963-64), não se segue seja ela conhecida pelos brasileiros. Ao contrário, sempre se fez por ignorá-la e neste momento em que mais se faz uso do termo cósmico AMAZÔNIA, é quando mais se nota o despreparo de quantos necessitam chanar uma lança em África. Abrir a boca e falar da Amazônia é hoje, no mundo inteiro, um slogan, é moda. Está na moda, como esteve na moda falar-se da Cochinchina, de Andorra, etc. A palavra que mais circula atualmente neste país de carnaval é 'ecologia', por isso eliminamos essa pelota do nosso estudo, pois não seria duvidoso que qualquer lavandeirazinha nos viesse igualmente trazer seu contributo ecológico, ou quiçá um ardente futebolista, desses que têm enchido o Brasil de desgosto nos verdes prados da cultura do chute.

A desavergonhada incapacidade de reter a Amazônia nos miolos como região de múltiplas ofertas em qualquer área do conhecimento humano, levou o país a considerá-la 'terra de degredo'. O colonialismo monopolizador elegeu-a e predestinou-a à moradia de judeus conversos, de rufiões libertos dos calabouços, de saloios pé-no-chão inimigos de pau-de-enxada. **Mas também de aventureiros ávidos de lucros e de alguns missionários não corrompidos, mas ardentes defensores de Aristóteles e da necessidade de curar e tutelar índios comedores de bispos e de magistrados reinóis.** Essa fórmula eficaz de privar o ser humano da liberdade sem cortar-lhe as orelhas foi muito difundida pelos países monopolistas, que assim se livraram do pesadelo de sustentar hóspedes nas masmorras infectas. Deixai-os viver, mas de maneira que não voltem a incomodar-nos com suas heresias e seus furtos e agressões. O Império, por amor à continuidade, achou a medida excelente e remeteu para Manaus os turbulentos da Campanha do Equador, da revolta dos Beckmann, e de outras sarrafascadas. Foi assim que mudou-se definitivamente para Manaus o meu ascendente capitão de milícias Alexandrino Magno dos Reis Taveira Pau Brazil (com Z), mas os Antony, os Zuany, os Zany vieram mesmo tangidos pela política napoleônica. Quando se pensa que a jovem República, com a sua doce filosofia positivista apaga essa mancha, o marechal Floriano Peixoto, que conhecia Manaus de longa data, desterra para o setentrião (Cucuí) a meia dúzia de adversários políticos perigosos. **E logo mais o doutor Getúlio Vargas aplica a mesma medida para com uns caretas que viraram turistas nas ruas da cidade e um deles — Viana Moog — escreveu umas páginas alusivas à força bravia da terra, romance que só não é pior porque não é vingativo como o da madame Cunha Melo.**

Este comentário rápido possui apenas a virtude de manifestar nossa repugnância pela desfaçatez com que, em todas as épocas, pretendeu-se desacreditar a Amazônia, inclusive agora, neste momento, com as reiteradas investidas à sua liberdade e independência econômica. **A nós que fomos sempre lesados, proscritos da lembrança dos governos, inferiorizados pelos janízaros da imprensa, exorcizados pela camarilha de adversários da nossa hegemonia política, a nós que sustentamos ilesa e integral a terra que nos foi dado possuir e garantir contra eventuais arremetidas estrangeiras.** Mal a Amazônia ergue a cabeça para tomar um hausto, contra ela se armam os patrocinadores das indústrias estranhas, os eternos alarmistas de ocasião, os prosélitos da política imperialista. **Há quase um século se fala em petróleo, carvão, ouro, cassiterita, e outros minerais úteis, e madeira, óleos vegetais comestíveis ou não, e centenas de outros produtos que poderiam fazer a redenção do povo, não fosse a contumácia com que os soberanos da indústria utilizam suas manigâncias contra os ensaios de autonomia econômica da Amazônia Ocidental.** Íamos muito bem, obrigado, no desenvolvimento do complexo açúcar-álcool, veio o senhor Getúlio Vargas e declarou que a nossa indústria periclitava os interesses dos coronéis do Nordeste e dos magnatas de São Paulo. **Em contrapartida nunca foi proibida a plantação de guaraná e de seringueira no último Estado.** Um país que sufoca a autonomia econômica de um Estado enteado não merece falar agora de 'devastação da floresta amazônica', de 'matança de animais silvestres' e de outras balelas semelhantes às do célebre barão de Münchhausem.

A Amazônia nunca será realmente o 'celeiro do mundo' se considerarmos suas riquezas em potencial como meras reservas de um país que há menos de setenta anos entrou na corrida industrial e há menos de cinquenta deixou de importar palitos de dente de Portugal. Mesmo no capítulo realismo o brasileiro continua sendo romântico, guardando suas reservas para quando Deus der bom tempo. Por isso nosso subsolo jaz ainda meio virgem de picaretas (somos um país eminentemente agrário, dizia-se enfaticamente durante o Império) e de tratores. A campanha que se faz no momento contra a política agropastoril na Amazônia não tem outra

finalidade que defender a estúpida devastação do solo do Sul do país.

Ousamos criticar esses prejuízos morais que nascem do burlesco e enfadonho conceito de que a Amazônia não possui condições para desempenhar papel progressista e que será necessário tirar-lhe, de qualquer maneira, a oportunidade de tornar-se independente dos centros produtores. Enquanto essa política de sufoco encontra seus prosélitos na imprensa, o caboco da hiterlândia e o funcionário público das cidades devem passar fome, porque, na opinião de muita gente a Amazônia continua sendo um peso morto para a nação. Agora, mas antes, quando a riqueza nos batia à porta e as libras esterlinas faziam até de abotoaduras de punhos duros e de peitilhos de camisa, e o Estado do Amazonas pagava os subsídios dos seus representantes porque o país andava às moscas, a choradeira vinha de longe nos bafejar. Até a política nos favorecia e os paredros viviam de chapéu na mão e em salamaleques servis.

Não há exagero no que se afirma: é uma fitolatria a sua capacidade sensual de respeito aos vegetais

Que se quer? No Brasil é assim; o progresso engatinha e às vezes nos apavora uma súbita alteração no marca-passo. **Costuma dizer-se que quando o europeu passou a usar a força a vapor, o nacional deixava ficar-se comodamente à sombra da vela latina; quando o europeu passou ao carvão-de-pedra, o brasileiro usou a lenha; quando o europeu mudou-se para o petróleo, nós estacionamos no carvão-de-pedra importado, e agora foi a vez da energia nuclear, e nós manducamos no petróleo, que tem muito na Amazônia Ocidental mas não se explora para não perturbar a economia paulista e carioca.** Não é burlesco? Pergunta-se: o que tem a ver esse processo estilo jabuti com a **declaração ostensiva de que as riquezas naturais da Amazônia estão patrioticamente guardadas a sete chaves?** A resposta quase surge sem malícia, após quase quatro séculos de sufoco econômico e sofrente madrasticismo, **a região é acusada pelo europeu interesseiro de devastar sua floresta que deve ser guardada para que um outro Ford a explore.** Não se pensa em termos de preservação do homem amazônico, mas do 'pulmão do mundo', **pulmão que as máquinas euro-americanas estão infeccionando e obstruindo de gases mefíticos.**

Do fato de a Amazônia Ocidental aparecer na teoria de publicações de todo o gênero com um saldo de mais de vinte mil títulos, não se segue seja ela conhecida pelos brasileiros

Retornemos ao princípio. Esse retorno exige uma etapa de reflexão da parte de todos nós. Em quase quatro séculos de descobrimento e ocupação a Amazônia nunca deixou de ser povoada pelos índios e pelos seus sucessores, o caboco e o civilizado das cidades. Aqueles pobres diabos comeram peixe e exportaram peixe seco; comeram tartarugas em quantidades inimagináveis e usaram dos ovos para outros fins, como se dirá mais tarde; abateram árvores para suas roças, para exportação e para consumo doméstico, utilização nas usinas, fábricas, estaleiros, casas, móveis, etc; mataram aves para comer e servir-se das plumas e penas; abateram jacarés, pirarucus, peixes-boi e etc. Viveram suas vidas no meio do mato ou à beira dos rios e lagos; procriaram, inventaram lendas e mitos e danças e técnicas; guerrearam e até amoleceram a piedade hipócrita de humanistas europeus. **E somente agora os sabidos europeus, junto aos expertos norte-americanos, descobriram que estão devastando a selva, comendo demais aves e peixes, quadrúpedes e frutos, invés de preservá-los para eles que estão na iminência de destruir o planeta Terra, com a evolução das armas atômicas.** Não é burlesco? **Porém o mais burlesco é que o brasileiro, que sempre soube disso, compra por dez réis de mel coado a intrujice dos donos do mundo a fim de que não se pense que ele está fora da moda.**

Abrir a boca e falar da Amazônia é hoje, no mundo inteiro, um slogan, é moda

Nunca houve, de fato, devastação florestal, desamor pela selva bruta, mesmo com a disseminação de serras mecânicas. O erro começa por aqui. Na Amazônia o conceito de floresta é muito discutido, e não parece muito adequada a palavra como sinônimo. Não existem aglomerados vegetais maciços, com exceção talvez do buriti, uaçai, tucumã, e essas aglomerações, não muito extensas, são chamadas socas ou reboladas. No mais, o que acontece é a individualização, elementos da mesma espécie separados às vezes meia légua uns dos outros.

A palavra que mais circula atualmente neste país de carnaval é ecologia

Daí que o latifúndio, na Amazônia, não coincide com a imagem que se faz de grandes extensões de terras onde é fácil cortar, num dia só, o número de troncos necessários para formar uma jangada. Um exemplo basta: a seringueira silvestre prolífera de acordo com dois fatores precípuos: a distância em que a noz vai cair quando explode madura, e a ajuda que oferecem os roedores, cutia ou rato coró, caçando as nozes e enterrando-as para o futuro. **Portanto, quando se faz referência à 'estrada da seringa' nos romances regionais ou em livros mais sérios, cuida-se uma perspectiva alegre e abrangente de árvores plantadas em fileira na margem de larga via, o que não é verdade.** Qualquer foto de seringueiro atuando na mata mostra-o envolvido no compacto da vegetação e pode ver-se que por perto não aparece nenhuma outra seringueira além daquela que ele sangra. A famosa 'estrada da seringa' é menos do que metáfora e mais do que prolepse: é uma vereda malmente rasgada a terçado no intrincado da vegetação, por onde mal circula uma pessoa arreada. No vocabulário amazônico, que é rico em verbetes e expressões vulgares, chama-se a esse processo 'estrada redonda' ou em língua de índio 'apoampê'. Dessa vereda, que tem início no taperi do seringueiro, e nele termina, saem as 'mangas' que são derivativos curtos em linha reta. Calcule-se pois, o desastre informativo quando um romance absenteísta informa que 'da beira do barranco ouviam-se os machados cortando as seringueiras', ou que as 'tartarugas eram tantas no barranco que ameaçavam cortar os tornozelos das pessoas'. Tartarugas em barranco e machados em seringueiras só no cinema norte-americano ou no filme do senhor Herzog. É fa-

Mal a Amazônia ergue a cabeça para tomar um hausto, contra ela se armam os patrocinadores das indústrias estranhas, os eternos alarmistas de ocasião, os prosélitos da política imperialista

Íamos muito bem, obrigado, no desenvolvimento do complexo açúcar-álcool, veio o senhor Getúlio Vargas e declarou que a nossa indústria periclitava os interesses dos coronéis do Nordeste e dos magnatas de São Paulo

Um país que sufoca a autonomia econômica de um Estado enteado não merece falar agora de 'devastação da floresta amazônica' de 'matança de animais silvestres' e de outras balelas semelhantes às do célebre barão de Münchhausem

lha, nesse sentido, a informação de quantos se aventuram criar capítulos sugestivos em que o denominador comum é o meio ambiente amazônico.

Depois do que ficou dito seria conveniente elucidar melhor o que fora no passado e continua sendo no presente, a falsa concepção de devastação das riquezas naturais da terra. Compare-se a Amazônia Ocidental com a imagem de um avarento que retivesse seu cofre atulhado de moedas de ouro e de diamantes, sem deles pretender utilizar-se nem investir a riqueza, dando a outros a oportunidade de lucros e a muitos ocasião de exercitar um ofício qualquer. Não abro capítulo novo na história da Amazônia, com a declaração de que a política do monopólio real cerceou a capacidade empreendedora de portugueses, brasileiros e outros povos radicados. **Mas é aí nesse início de apropriação da ucharia americana que começa realmente o destino nem sempre glorioso das etapas econômico-administrativas que atravessou a Amazônia Ocidental, respectivamente feudo na Capitania, Comarca e Província do Amazonas.** Em 1819 perguntava-se o bávaro Carlos Felipe Von Martius pelo fim tomado pelos milhões de índios que havia no Rio Negro. A resposta está no massacre dirigido pelas famosas tropas de resgate a que a Igreja Católica se associava aristotelicamente como parceira nos lucros. **Mas não é a esse genocídio multinacional da conquista que nos reportamos diretamente e sim ao que representava a mão-de-obra escrava.** Comece-se a pensar na cópia de recursos naturais coletados e exportados, alguns consumidos internamente. Nas milhares de toras de madeira de lei levadas em jangadas de muitos metros de comprimento até Belém do Pará e de lá transportadas como lastro ou carga bruta a Portugal e África. No consumo utilitário dessas madeiras na Europa, para navios, movelaria, etc. entravam o nobre acaju, o cedro, pau campeche, mogno, freijó, muirapinima, pau-rosa, etc. **E não foram minguadas dezenas em apenas um ano, foram muitos metros cúbicos de boa lenha desde 1600 até o fim do colonialismo, ou seja, mais ou menos até 1822, continuando depois a mesma traficância, mas sem monopólio. Ora, essa coleta não parou nem diminuiu até hoje.** As esquadras portuguesas da Índia, após a conquista da Amazônia pelos portugueses, franceses, ingleses e holandeses (que por seu turno embarcavam toras aos milhares), **aquelas valentes esquadras lusas eram construídas de lenhos amazônicos.** E a selva não mostra nenhuma ferida no seu conjunto que venha a inculcar desmatamento. E se fosse só essa mobilização de recursos naturais saqueados, não haveria tanto mais que reclamar, sabendo nós, os conhecedores da história pregressa da Amazônia em geral que na rubrica dos bens comerciáveis entraram outros títulos não menos sensíveis à nossa preocupação. **Mas calcule-se o que saía exportado em matéria de vegetais medicinais, para a botica européia. Passou-se a tomar guaraná, café (não se falava em São Paulo), chocolate (não** nem cacau da Bahia, ainda), vinhos de caju contra o mal gaulês, e fabricar puçangas contra males do corpo com ervas amazônicas. Excelente boticário, tanto quanto excelente tupinólogo, nos saiu o reverendo padre Luís Figueira, tanto quanto o antológico padre João Daniel, de prezada memória. **O tabaco de Borba (rio da Madeira) perfumou o rapé das bocetas da França, Portugal, Holanda, Inglaterra, Espanha, etc.** O anil produzido na Amazônia, por especial recomendação da coroa portuguesa, vai impor-se no comércio das especiarias, e as aves da região produzem as plumas dos senhoriais leques, dos chapéus à Rubens, etc. **Não seria fácil de imaginar quantos milhares de pescoços e asas de guaratinga e guarapiranga foram necessários para satisfazer chapeleiros de Paris entre mais ou menos os anos 1850 e 1920!** A propósito, Alberto Rangel tem uma excelente página sobre a matança das garças produtoras das célebres egretes. De repente o comércio de Manaus suspende a exportação das plumas alvas porque não mais comerciáveis. Um dos produtores, ao ter notícia da crise (empenhara grosso cabedal na matança) enlouquece e faz-se mergulhar num oceano de plumas arremessadas ao vento... **Enlouquecidos, martirizados, andaram certos homens de negócios quando a borracha entrou em depreciação.** Quase loucos ficaram homens de negócios na década de quarenta, ao desvalorizar-se a castanha (noz do Brasil). **E quantos milhares de tucanos, de papagaios, araras, gaviões reais, mutuns, emas, etc. não foram necessários aos enfeites de índios e de cabocas dengosas em mais de dois mil anos de possível coabitação do homem? Basta lembrar, de passagem, aquela bonita murça do Imperador, em exibição no museu de Petrópolis, executada em Manaus, sob inspiração do coronel João Ricardo Zany, expressamente para ser oferecida ao Imperador dom Pedro I, que não chegou a usá-la na coroação, passando a dom Pedro II. E na cauda das penas e penachos aparecem os couros e peles de animais silvestres, estes em muito maior quantidade, absorvida em objetos úteis, sapatos, seiaria, arreios, adornos, 'chiquês' de donas milionárias que pisavam em sapatos de couro de onça, de jacaré, de cobra, de lagarto, e usavam bolsas e mantôs do mesmo material importado do Amazonas.** Onças, maracajas, cobras, jacarés, camaleões, sapos, tapires, lontras, jaguariticas, ariranhas, veados, espécies mais visadas pelo mundo exibitório euro-americano, desfilaram no exigente painel da moda masculina e principalmente feminina, mas não enriqueceu o caboco que continua pobre com a suspensão do meio de vida mais conhecido: a coleta végeto-animal. Mesmo antes dessa suspensão de atividades coletoras, ele jamais viu a cor e o feitio do dólar ou do cruzeiro, sabido que a sua capacidade de comerciar é muito obsoleta, quiçá manifestamente primária: o escambo, em que é lesado pela avidez dos regatões e mesmo do gerente da feitoria ou do barra-

Mesmo no capítulo realismo o brasileiro continua sendo romântico, guardando suas reservas para quando Deus der bom tempo

A campanha que se faz no momento contra a política agropastoril na Amazônia não tem outra finalidade que defender a estúpida devastação do solo do Sul do país

Enquanto essa política de sufoco encontra seus prosélitos na imprensa, o caboco da hiterlândia e o funcionário público das cidades devem passar fome, porque, na opinião de muita gente a Amazônia continua sendo um peso morto para a nação

ção. Exemplifiquemos de passagem: o coletor, vamos dizer, de couros de animais silvestres, apresenta-se na base da feitoria ou no balcão da casa de aviamento com o produto já beneficiado. A primeira coisa que o intermediário (pode ser também o atravessador de gêneros ou o regatão) faz é verificar se o couro ou a pele apresenta perfurações de bala, que depreciem o valor. Após o que, mede-o a palmo, e sem mais explicações abre a conta corrente. **Não indaga pelo preço a pagar e nem o caboco especula o preço cotado na praça de Manaus.** O rol, invariavelmente consta de farinha, feijão, arroz, café, açúcar, carne seca e querosene ou petróleo como se dizia antigamente, ou simplesmente gás. Depois vem o vício constante de tabaco de corda, papelins, fósforos, cana destilada, a pilóia famosa, ou jiribita, antigamente Parati, depois Janauacá, hoje em dia diversos venenos... Não cigarros industrializados, é luxo a que não se permite o nosso defensor da terra e dos costumes tradicionais. **Ser enganado pelos 'turcos' e carcamanos é uma das mais priscas tradições da região.** Só então é que aparecem as lembranças da patroa: linha, agulha, alfinete, pente fino, alguns metros de chita pirarucu ou mamãe-abra-o-olho e para si próprio talvez um aparelho de elefante azul. O balconista não torce o nariz à quantidade e qualidade de coisas solicitadas. Já fez mentalmente seu cálculo, mas por dever de ofício lembra que a soma geral ultrapassou duzentas vezes ou mais o valor do produto negociado. Principalmente se há úteis mais caros como armas de fogo, balas, terçado, facas, instrumentos agrícolas sem motor. O produtor está preso ao armazém pela conta sem-fim. Fica dependurado da unha do explorador durante toda a vida e mais seis meses. Fica devendo sempre, a vida inteira, e chega à perder a consciência do seu aviltamento porque não possui ambições, não dá valor ao seu próprio trabalho, não sabe mesmo muitas vezes o preço dos úteis que adquire por essa estranha e persistente manobra comercista. O mesmo acontece com o produtor da borracha, sendo que neste último caso o extrator da seringa e/ou do caucho não é um sedentário, não tem raízes presas na terra. Se enricar volta rapidamente para a terra de origem a fim de esnobar e contar bravatas.

Pois bem: apesar dos perigos cotidianos que enfrenta a fim de sobreviver, e da meia escravização econômica a que está subordinado por efeito da má distribuição da justiça social, e de uma emperrada máquina judicial que tresanda a mofo, esse homem explorado é um forte baluarte da defesa da terra e da sua querência. É feliz. Feliz porque não lhe pesam na consciência aquelas culpas que atormentam a existência preocupada do civilizado. Feliz porque vive constantemente em comunhão com a Natureza dispensadora, não tem religião que o ameace com o inferno nem Banco de Crédito que o viva maçando com as cobranças

costumeiras. Feliz porque tem o Sol à sua disposição e os elementos naturais que sustentam suas necessidades. Pode ser que por outro lado seja atormentado pelos vícios que uma sociedade degenerada inaugurou na região, do tipo álcool, mas isto já era no princípio das coisas uma vulgar tendência do homem, e os maiores borrachos desfilam nas páginas da Bíblia. Seus ancestrais foram heróicos bebedores e festeiros, por isso mesmo essa será a sua diversão, às vezes a longo prazo, com intervalos de luas. **Queremos compilar a constante primordial do caboco pela mesma bitola da existência sem relevo do índio, uma vez que o caboco é doido por dançarás, única evasão que lhe assiste cultivar e para a qual se antecipa de meses e até de anos e onde gasta o que a sua proverbial capacidade de indiferença pela abastança cede à voracidade dos armarinhos.** Isto se observa em lugares distantes onde vai haver festa de santo. Chegam uma, duas, cinco, dez, vinte canoas fazendo bigode, com o proeiro raspando o opoquitaua e a mulher ou um filho no joão-de-pau. E vê-se a ruma de couros e peles que abre o apetite do bufarinheiro gananciosa. O que o caboco leva de volta daquela transação? Apenas a saudade do arrasta-pé, porque a riqueza que levou muitos dias a ajuntar não sem perigo, ficou nas garras aduncas do árabe 'patrícia', do português 'amigo', do brasileiro 'compadre'. Mas ele é feliz, mesmo roubado, deu à mulher e aos filhos uma semana de derivativos, trocou palavras com outros de sua fala, dançou, tirou versos da cabeça na dança Desfeiteira, bebeu, ganhou ou perdeu prestígio no desafio, tocou seu cavaquinho estimado, por ele mesmo caprichosamente feito à unha, sem ajuda de instrumentos sofisticados. O caboco é capaz de remar um ou três dias sob o sol e a chuva ante a perspectiva de uma funçanata. O civilizado não aguentaria uma hora no cabo do remo. Passa por ser o maior conservador das tradições avoengas, mesmo aquelas que os portugueses já esqueceram, como as festas do Espírito Santo, os arraiais, as procissões aquáticas, os bailados que começando à tarde, varam a noite e prosseguem pelos dias seguintes, no mesmo ritmo, dependendo da resistência dos músicos que são poucos mas são fortalecidos pela água que passarinho não bebe. É nessas ocasiões que se conhece a verve do homem rústico, do analfabeto de pai e mãe, quando ele descanta com naturalidade e improvisa a curto prazo solfas de deixar a gente de queixo caído. **É um forte na sua despreocupação ordinária pelo mundo dos dinheirudos.** Não sofre decepções porque não alimenta a sua existência anônima com o sufrágio conquistado a troco de inimizades e percalços. **Este é o homem que aprendeu a defender a terra que nem sempre é seu patrimônio legalizado e a viver em função da Natureza.** Nada tem de seu, nada herdou dos pais, nada deixará de herança para os filhos, talvez, a não ser aquela impassível lealdade para com o seu chão. É o Homem Vegetalista por natureza, que se supre do que a Natureza lhe oferece abundantemente. O que poderia fazer alguém para enricá-lo? Ou pelo menos para conceder-lhe uma outra forma de subtrair-se à exploração dos gananciosos? Governo nenhum jamais pensou nisso. Talvez fosse até possível voltar-se ao regime da roça do comum, no período colonial, quando a distribuição da riqueza era feita de acordo com o mutirão ou putirum. Todos teriam a sua chance, se houvesse uma distribuição sensata e equilibrada dos direitos e o caboco não fosse tão explorado pelos atravessadores de gêneros e pelos regatões, as duas maiores pragas que os rios da Amazônia já conheceram e que se grudaram na paisagem como se diz do carrapato de anta.

Não é sempre o opilado, o panema das irreverências citadinas, o toleirão que frequenta as quadrilhas alegres do mês de junho. Possui o senso das grandezas, a virtude das tolerâncias, sabe medir as coordenadas morais, reagir no momento preciso. Mergulhar no rio para boiar sob o ventre do jacaré e dominá-lo, é façanha que nunca apareceu em cinema, porque o cinema só apresenta lagartões imbeles. E assim mesmo apanhar filhotes de animais silvestres para domesticá-los, enfrentando a fúria dos pais ou do bando.

No Brasil é assim; o progresso engatinha e as vezes nos apavora uma súbita alteração no marca-passo

O índio e o caboco seu herdeiro desenvolveram técnicas especiais que emulam com as artes: são músicos por natureza, poetas do berço, inventores de instrumentos musicais, escultores, modeladores do barro e da pasta, homéridas das suas próprias odisséias, enciclopédicos no seu ambiente. Jamais se viu por estes brasis amostras de artesanato indígena ou caboco, nem mesmo o secular artesanato da massa de guaraná. São essas omissões que colocam a gente humilde da Amazônia em posição inferior a mestre Vitalino, mas eu duvido muito que um desses famosos escultores saiba reproduzir com tanta arte e exatidão surpreendente os hábitos dos animais silvestres. Não há emulação. Eles conhecem tudo a respeito dos hábitos dos animais silvestres, desde o esconso ninho aos comportamentos exteriores, caça e pesca. Muito melhor do que qualquer biólogo. É conhecida a disputa que teve o sábio Luís Agassis com um caboco a respeito de certa espécie de peixe, dada pelo ilustre homem como nova, enquanto que para o homem humilde era apenas um filhote.

Conhecem o efeito salutar das folhas, raízes, bagos, casca e cortex dos vegetais e as propriedades de alguns animais. Eles inventaram o curare que paralisa lentamente a atividade energética dos músculos e nervos e ao mesmo tempo descobriram como sustar a ação progressiva do mesmo veneno, inclusive ofídico. Eles são os autores dos códigos de proteção florestal que nenhum civilizado obedece nem respeita, códigos não escritos mas oficializados, códigos que impedem a devastação e o morticínio inúteis. **Ele tanto respeita os animais que não os molesta, aprisionando-os. Mantêm-os dentro de casa soltos e livres, na comunhão diuturna com as crianças e outros bichos. É tão amigo dos animais silvestres que a palavra 'xerimbabo' (animal de estimação) passou a referir-se a pessoas de menor idade que com eles vivem sem ser parentes.**

Muita gente por estes brasis vive preocupada com o modelo exterior das lendas e mitos da Amazônia, aceitando-os apenas na sua função estética, na qualidade de derivativos do ócio intelectual de alguns poetas desaparecidos há milênios. É o que se vê constantemente, antologias sem nenhum mérito intrínseco, apenas reproduções ainda assim muito longe da verdadeira fala do amazônida, coisas maçantes de discurso direto suspeito.

— Amô de véio parece
merminho qui mamão macho
se planta vinga e florece
e as flore morre no cacho.

Encerrar termos culturais tão exatos numa simples redondilha (o caboco nem sabe o que seja redondilha nem nunca aprendeu a escandir versos) é tão trivial na capacidade de apreensão do poético como acertar, por elevação, à distância de cinquenta metros, uma tartaruga que ele viu apenas colocar o nariz fora d'água.

O que se buscou no Brasil de 1922 em matéria de nacionalismo literário, em parte foi achado na tradição oral anônima dos cabocos da Amazônia. **E isto não é novidade também para o prê-modernismo de Sousândrade (que esteve em Manaus em 1870), nem para Gonçalves Dias, que viajou pelo rio Negro em 1865. Ambos se fizeram num indianismo captado nos bredos da mata sedutora e inspiradora.**

Quando nos referimos ao dado específico de uma literatura eminentemente nacional, sem qualquer influência européia, estamos pensando também em poemas, estórias, narrações de procedência e de natureza regional. O fenômeno da emancipação da literatura brasileira dos cânones europeus só se justifica imediatamente quando se apela para uma fonte primária. Invés da fonte de Castália a humilde cacimba manando o líquido cristalino; invés do Pã grego, o Macunaíma sem nenhum caráter; invés do verso simbolista o areíto indígena; invés do romance epopéico o mito das origens; invés da difícil explicação da lenda explanatória, curta e fácil de reter, um mergulho nas fontes do direito natural. É no fulcro da lenda e do mito que se engastam o direito não codificado, a ética disciplinadora, aquele cinturão de respeito coletivo, de disciplina moral; de contenção individua e tribal, de religiosidade punitiva, de sobrevivência à custa da supressão de normas conflitantes. São, a lenda e o mito amazônicos, os valores culturais que desempenham o papel de capítulos de um código penal não escrito mas respeitado intransigentemente. Ensinam gratuitamente e punem sem apelação. **Os deuses departamentais que**

Bt Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

Em quase quatro séculos de descobrimento e ocupação a Amazônia nunca deixou de ser povoada pelos índios e pelos seus sucessores, o caboco e o civilizado das cidades

Tartarugas em barranco e machados em seringueiras só no cinema norte-americano ou no filme do senhor Herzog

Não abro capítulo novo na história da Amazônia, com a declaração de que a política do monopolio real cerceou a capacidade empreendedora de portugueses, brasileiros e outros povos radicados

governam a selva, o rio, o lago, o monte, a taba, o sexo, o sol, a chuva, o roçado, condenam a agressão à Natureza, sem motivo justificado, e esse motivo está expresso em termos de utilidade imediata. Não há necessidade de juiz togado nem de esbirros mal intencionados e brutais. **Os numes da selva se encarregam de atropelar o transviado, de enlouquecer de terror ao caçador perdido, de errar o caminho de volta ao seringueiro ou mateiro que busca sacrificar espécies.** O caboco, como o índio, preso daqueles tabus, não abate uma árvore nem recolhe um animal sem necessidade. **Para protegê-los eles os vestem de tabus implícitos no mito e na lenda, quando esta é de caráter mediador.** De qualquer sorte, tanto o mito como a lenda são didáticos, mas operam em circunstâncias diferentes, conforme o caso. Uns apenas ensinam, outros são atribuídos de valores mágicos que ou ajudam ou punem. A selva, para o seu inquilino, não é apenas ucharia: é um templo (pagão) respeitado. Aquele que a penetra pela vez primeira, seja o lenhador ou o seringueiro, o caçador ou o caucheiro, **tem de submeter-se a um ritual que não deixa de ser analogicamente o batismo, portanto merece certas reflexões.** A magia, tanto a religiosa como a secular, envolve os atos individuais e coletivos. O medo ancestral, físico ou mental, contém o indivíduo no limiar do derrelito. **E ele, por seu turno, passa a exercer a política de preservação das espécies, seja por obediência a um totem, seja por mera animalitude, quando é o branco quem contraria as chamadas leis da selva, que são muitas e várias.** Há casos fatais. **No rio Juruá não se mata nunca o primeiro peixe-boi que surge no boiadeiro, só o entrante, embora, a bom juízo, não se possa determinar se o segundo não é o primeiro.** Por faltar com o devido respeito a essa jurisdição secular é que o compadre Nascimento, de recente chegada a um lago piscoso, apareceu boiando já podre e com o peito rasgado pela violência do pirarucubúia. Ao boto, por exemplo, jamais se persegue, nem mesmo ao vermelho, aquele simpático que a tolice remunerada do Sul começou a chamar, por invenção do não menos tolaz Jacques Cousteau, 'boto cor-de-rosa', quando na Amazônia só se o conhece por boto vermelho e diz-se tudo, inclusive a psicologia do inveterado don Juan aquático. O mal daqueles plumitivos do Sul é ignorar tudo a respeito da região a que aludem tão enfaticamente, minimizando-lhe os valores culturais e mesmo científicos. Mostrando seguidamente o professor Jacques Cousteau mergulhado numa profundidade ridícula de metro, faziam-no como se tal proeza merecesse as honras de epinício. **Gostaríamos de ver o Cousteau mergulhar junto com um caboco, a trinta metros de profundidade e sem equipamento sofisticado.**

Todas as espécies vegetais e animais possuem u'a mãe, que os protege: caãmanha é a do vegetal em comum; tapiramanha é a de tapir; etc. Portanto, horrendo sacrilégio é abater a mãe da espécie, muito embóra o herói civilizador kirupari o haja feito com a sua, a fim de exterminar o matriarcado. Um caso de alienação por efeito de magia vem perfeitamente dilucidado no romance CHUVA BRANCA, do senhor Paulo Jacob. A tapiramanha enrabicha o caçador desventurado, arrastando-o pelos senfins da mataria, mas devolvendo-o, dias depois, ao caminho de volta. Pois essa situação não foi bem compreendida pela crítica epidérmica, nem mesmo da região.

O efeito moral coletivo deslanchado pela necessidade de proteger as espécies não colide com o hábito fisiológico da fome, e sim com o apocalipse sangrento. Matar para comer, usar o vegetal para sua sobrevivência não são ilícitos que atraiam e determinem a reação vinda do iuaca indígena. E seriam intermináveis os exemplos reais de como funcionam as leis da selva, tirante o que elas possuem de fabuloso para a mente do civilizado. A crença em mapinguari, matinta-pirera, saci, e outras entidades silvestres, aquáticas, aéreas, etc. não impede naturalmente que o homem satisfaça sua fome, os requisitos religiosos, salvo quando a espécie é tabu. Para o homem civilizado que não acredita em fantasmagorias essas leis da selva não funcionam, do mesmo modo que as leis codificadas não são por ele respeitadas a contento. **Pois é a esse homem, criador e defensor do seu patrimônio físico, que não se presta a devida atenção, que se deseja matar de fome no seu ambiente com absurdas manipulações de regras de bom viver que ele, civilizado, nunca respeitou na sua própria gleba mater, haja vista o que acontece com as queimadas que destruíram a mata atlântica e as reservas florestais do Sul do País, além do exterminio vandálico das espécies animais, para fins de exibicionismo e para satisfazer às exigências do estômago.** São esses puritanos que deitam intimativas ao caboco para não 'devastar' o pulmão que o europeu espera um dia fazê-lo seu, integrá-lo na sua bandeira, uma vez que a Europa está em véspera de despedir-se de suas antigas e não menos fabulosas florestas e dos restos de espécies animais que ela destruiu. Não será a nós, da Amazonia, que essa gente maliciosa vai ditar regras de conduta no que respeita à selva e às espécies animais.

Um satélite funcional, que sofre de miopia aguda, e que não possui o dom de raciocinio (os cinemistas norte-americanos pensam por ele) 'viu' claros indícios de devastação floristica na Amazônia brasileira (?), o que não causa nenhuma admiração a ninguém, os claros, pois são provas evidentes de que existem seres humanos habitando o deserto vegetal. Não tem o satélite artificial o dom de raciocinar sobre a origem desses claros, que tanto podem ser efetivamente queimadas como extensos pantanais sem outra vegetação maior que as ninfeáceas. O olho perquiridor do espião não soube distinguir a diferença entre as charnecas do Rio Branco (Roraima) e os 'gerais' do rio da Madeira, e os desmatamentos raciona-

Em 1819 perguntava-se o bávaro Carlos Felipe Von Martius pelo fim tomado pelos milhões de índios que havia no Rio Negro. A resposta está no massacre dirigido pelas famosas tropas de resgate a que a Igreja Católica se associava aristotélicamente como parceira nos lucros

E a selva não mostra nenhuma ferida no seu conjunto que venha a inculcar desmatamento

Quase loucos ficaram homens de negócios na década de quarenta, ao desvalorizar-se a castanha (noz do Brasil)

vem, ou as caatingas do rio Negro. Fiquemos atentos ao que segue: em 1788 (portanto há duzentos e três anos), o governador da Capitania de São José do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo d'Almada, dono de uma visão industriosa inusitada, pretendeu montar uma infra-estrutura econômica na Amazônia Ocidental. Entre as indústrias que fez funcionar realmente e que deu emprego a muito ocioso, está o criatório do Rio Branco. As fazendas de gado vacum e cavalar prosperaram porque os campos naturais daquela região, amplos e abertos, abrigaram manadas que durante estes poucos duzentos anos e picos alimentou Manaus e outras cidades. Além da carne fresca e/ou de salmoura, o couro abriu um mercado de trabalho e de consumo de massa interno e externo, na forma utilitária que todos conhecemos. Pois o satélite artificial 'viu' aquelas charnecas imensas onde ainda pascem bois selvagens, e 'contou' para os estrategas ianques a saborosa pomada da devastação florística. É coisa de boi Ferdinando pastando florinhas cor-de-rosa... Esse mesmo espião das alturas deve de haver 'visto' as caatingas do rio Negro e os imensos campos gerais do rio da Madeira, habitáculo das emas e de numerosas outras espécies nem caçadas nem destruídas, campos que limitam com Mato-Grosso. **Mas como o marinha é norte-americano e só vê o que interessa a ele particularmente, anunciou para o Mundo, em vozes gritadas e em anúncios coloridos nas tevês, que o seu 'pulmão do mundo' está sendo esburacado pelas constantes depredações.** Isto importa dizer que o homem da região não tem o direito de tirar lenha nem de eleger um xerimbado para matar a fome dos seus barrigudinhos. Só o norte-americano é que tem o direito outorgado por Deus, de exterminar índios e populações civis, de abater florestas, de dizimar rebanhos de bois selvagens, de cervos, etc. Ainda com o pé na tábua vamos desculpar a ignorância de uma jornalista do Sul que viu certa fotografia de jangadas. Se aquela plumitiva houvesse ao menos lido o romance de Júlio Verne, A JANGADA, ou uma das centenas de obras escritas sobre o assunto, inclusive de Raimundo Morais, não abriria a boca de espanto diante de tantos toros de árvores unidos, amarrados, perto de uma das muitas serrarias de Manaus. E ela certamente não viu as centenas de serrarias existentes no Amazonas. Permitam-me dizer-vos que até serrarias fluviais existem, com seus caiçaras de troncos prontos para o beneficiamento. Imagine-se agora que desde o século passado funcionam serrarias a vapor e elétricas (portanto há mais de cem anos) a consumirem madeira extraída da selva, matéria-prima de que se serve o homem e que não se lhe pode furtar o emprego, não se pode proibir romanticamente de usar em benefício da humanidade, como dissemos antes, acenando com a usança da madeira nobre na Europa do século XVII em diante. E como os brasis lá do Sul nunca sofreram de amor pela Amazônia em geral, 'terra de índios e de feras, de febres palustres e de ignorantes', também não nos preocupam muito as reportagens falaciosas que se sabe perfeitamente servirem aos interesses estrangeiros e não a nós que vivemos garantindo anonimamente a hegemonia nacional.

Voltamos ao princípio deste modesto projeto de defesa da terra e do homem amazônicos, confirmando que desde 1669 por diante se extrai madeira da selva amazônica, ou seja há trezentos e vinte e dois anos! Madeira que foi exportada para o mundo inteiro, inclusive para os brasis do Sul, madeira que foi consumida na forma de lenha diária para fogões domésticos, para caldeiras de navios, de fábricas, em obras civis e militares, na movelaria, etc. Madeira que se consumiu em toneladas cada vez maiores e que agora ocupa menos espaço na pauta de exportação, com a intervenção de outros carburantes. Pelo cálculo, nestes trezentões e picos a selva amazônica deveria de ter um buraco maior do que a imensa cratera do Arizona, onde não cabem os milhões de quilômetros quadrados de mentiras dos países imperialistas! E depois de tudo isto torna-se necessário acrescentar um dado específico: a selva se regenera. As pequenas, irrisórias coivaras abertas pelo caboco, os seus cem-passos, após a rotação ordinária, volta a engalanar-se de florões, de corimbos, de frutos. **A grosseira taboca pregada, 'devastação da Amazônia', mesmo dizendo respeito a certas indústrias madeireiras, esconde o propósito torpe de desviar a atenção do Mundo e fazer dos brasileiros menores de quinze anos que necessitam da tutela do Primeiro Mundo.** A ignorância a respeito da Amazônia e dos seus problemas capitais, por parte dos brasileiros mal lidos e mal viajados, ajuda a proliferação das mentiras assacadas contra uma impossível política antieconômica de perigosa mutilação do 'pulmão do mundo'. **Compra-se uma briga sem sentido, invés de perguntar-se aos povos do Primeiro Mundo porque não deixam as baleias em paz, porque matam os desgraçados elefantes, porque dizimaram manadas de búfalos, porque poluem o ar, poluem o mar, porque deitam fogo às florestas de pinheiros na Europa e na América do Norte, porque não cessam de fabricar armas atômicas, pondo em perigo a humanidade inteira. E etc.**

O produtor está preso ao armazém pela conta sem-fim. Fica dependurado da unha do explorador durante toda a vida e mais seis meses

É interessante como as autoridades não procuram solucionar outros problemas correlatos, como o das aves e peixes contrabandeados, os ditos 'peixes e aves ornamentais', onde entram, de cambulhada, o cardeal e o galo-da-serra, o primeiro (peixinho de aquário) contrabandeado via Tabatinga, e o segundo (pássaro) pela Venezuela. E não destacamos aqui o nosso mavioso rouxinol do rio Negro, nem muito menos o nosso peixe-boi. **Quem sabe se o Governo Federal não ignorava por conveniência essas patifarias?** E não falam essas 'doutas autoridades' (no

Onças, maracajás, cobras, jacarés, camaleões, sapos, tapires, lontras, jaguariticas, ariranhas, veados, espécies mais visadas pelo mundo exibitório euro-americano, desfilaram no exigente painel da moda masculina e principalmente feminina, mas não enriqueceu o caboco que continua pobre com a suspensão do meio de vida mais conhecido: a coleta vegeto-animal

O caboco é capaz de remar um ou três dias sob o sol e a chuva ante a perspectiva de uma funçanata

Nada tem de seu, nada herdou dos pais, nada deixará de herança para os filhos, talvez, a não ser aquela impassível lealdade para com o seu chão

meio das quais certamente ecologistas) no desaparecimento prematuro da belíssima ave chamada pelo gentio do alto rio Amazonas 'pássaro deus Beuêque' e na ornitologia clássica indígena 'surucuvaco'. É semelhante ao faisão europeu, polícrômico e nobre na aparência majestática, e cujas penas da cauda e do papo eram admitidas na confecção de adorno dos pajés, somente. Havia inclusive uma dança ritualística em honra ao pássaro, desaparecida por intrujice dos padres católicos, cujos, em matéria de cultura têm provocado as maiores catástrofes na história da nossa terra, por demasiado cristianismo uns e por estupidez a maioria, pois são estrangeiros e com isso vão paulatinamente desnacionalizando a cultura nacional. Foi a ave mais contrabandeada para os países limítrofes e hoje quase não se fala no 'pássaro deus que foi o mais ostensivo símbolo clânico da região. Porém, o caso do peixe-boi nos parece mais extraordinário porque certamente do conhecimento das autoridades brasileiras, que fecharam os olhos e até ajudaram, como aquela história do contrabando de sementes de seringueira e de castanha (noz do Brasil). O contrabando fazia-se via Tabatinga, em aviões especiais dotados de tanques para água e toneladas de capim aquático. Aviões que transportaram para a África centenas de animais, **'a fim, dizia-se, de desimpedirem os rios da quantidade enorme de capim'**. Quanta gente fina andou metida naquela **safadeza internacional** que a guerra com suas imunidades ocultava! **E quer-se culpar o caboco do desperdício, da matança**. Na verdade, e as fotos estão aí para comprovação, a matança era desproporcional ao número de filhotes, mas era para alimentação, inclusive para a fabricação da conserva chamada **'mexira'**, e aproveitava-se toda a banha do cetáceo para manter a carne cozida e defumada por muito tempo em latas de grande porte.

Ainda resta abordar um dos capítulos mais requerentes dessa tão debatida questão que eu não ousei chamar aqui 'ecológica' para não melindrar a pele de tanto ecologista repentinamente surgido neste País onde tudo é carnaval, até as coisas sérias. Pois, no primeiro quartel do século dezenove, os vereadores da Câmara Municipal de Manaus procuravam afastar o espectro da mortandade de tartarugas fluviais, com a suspensão das licenças para 'viragões' e 'maceração dos ovos dos quelônios'. Para aqueles que ignoram, nos nossos dias, o que custou à espécie fluvial o emprego dos ovos no bem-estar coletivo, basta dizer que a iluminação pública (ainda rarefeita) e a doméstica, além do pagamento dos funcionários reais, vinha da maceração dos ovos, de que se extraía a 'manteiga' ou 'banha' para as luminárias. Era uma indústria de caráter monopolizante, defesa aos dignitários da coroa e portanto do seu usufruto ordinário e universal. Era, àquela altura, o melhor bem da

Mergulhar no rio para ... ar sob o ventre do jacaré e dominá-lo, é façanha que nunca apareceu em cinema, porque o cinema só apresenta lagartões imbeles

coroa depois das especiarias. Uma rápida visão retrospectiva basta para informar que nestes trezentos anos de consumo do prato mais gostoso da Amazônia, não houve tipo de depredação consciente que não fosse utilizado para transformar a espécie em instrumento da sobrevivência humana. Para quem ignora o ciclo de vida da tartaruga fluvial, basta dizer que ela já está condenada desde o momento em que se aproxima das praias (tabuleiros) para a desova anual, o que ocorre no verão, em setembro-outubro o mais tardar. É a época auspiciosa da 'viração', com perspectivas alegres de dançarás e casamentos. Os proprietários, hoje, das imensas praias de areia limitam-nas com bandeirolas e preparam-se para as primeiras tartarugadas. O ritual da desova é interessante: primeiro bóia o capitari (macho da tartaruga) e inspeciona os arredores. Praia silenciosa e sem luminárias, sem manchas de óleo e sujeira torna-se convidativa. Ele sai em terra e com a lâmina do casco traça o círculo na areia, dentro do qual a fêmea escrupulosamente escava, desova e acama o buraco com o peito voltando à água imediatamente sem mais nenhum cuidado com a futura prole. É nesse exato momento que o caboco ardiloso as cerca, lança-se sobre elas e calcando firme o pé na parte traseira do casco, enfia os dedos à altura do pescoço da bicha e de um sacolejão vira-a de peito para cima. Essa técnica de virar requer habilidade e força, pois elas, assustadas, costumam dirigir-se à água. O mais hábil 'virador' pode conseguir um rédito de vinte tartarugas. Após a 'viração' os homens vão à postura. Em média uma tartaruga adulta deita cerca de duzentos ovos redondos e bastante gordurosos. Indigestos para comilões. Esses ovos eram (antigamente) recolhidos a uma canoa e macerados com os pés. Enquanto ocorria a etapa da maceração, os caldeirões ferviam para receber toneladas de gema, somente a gema. Fervida, a gema era acondicionada em potezinhos de barro de cinco libras, fechados com folhas novas de aruanã e recolhidos ao paiol. A banha ou manteiga de ovos de tartaruga ou era exportada ou consumida pela população menos carente, pois os habitantes das cidades e vilas da Amazônia aprenderam desde cedo a utilizar-se de outros combustíveis menos caros como o azeite de mamona, banha de tambaqui, de cobra, óleos vegetais diversos. **Calcule-se por alto os bilhões de ovos de tartaruga fluvial desviados para fora da Amazônia e/ou nela consumidos. Calcule-se os milhões de tartarugas saídas dos ovos e devoradas pelos vorazes predadores, jacarés, galvotas, carões, colhereiras, o pirarucubúia, o acaurauaçu, que delas estão à espera.** Além disso, os famosos caiçaras do governo retinham prisioneiras centenas de tartarugas de todos os tamanhos e espécies, incluindo a terrestre (jabuti), destinadas ao consumo da tropa, segundo documenta o

Eles conhecem tudo a respeito dos hábitos dos animais silvestres, desde o esconso ninho aos comportamentos exteriores, caça e pesca. Muito melhor do que qualquer biólogo

É conhecida a disputa que teve o sábio Luis Agassis com um caboco a respeito de certa espécie de peixe, dada pelo ilustre homem como nova, enquanto para o homem humilde era apenas um filhote

Eles inventaram o curare que paralisa lentamente a atividade energética dos músculos e nervos e ao mesmo tempo descobriram como sustar a ação progressiva do mesmo veneno, inclusive ofídico

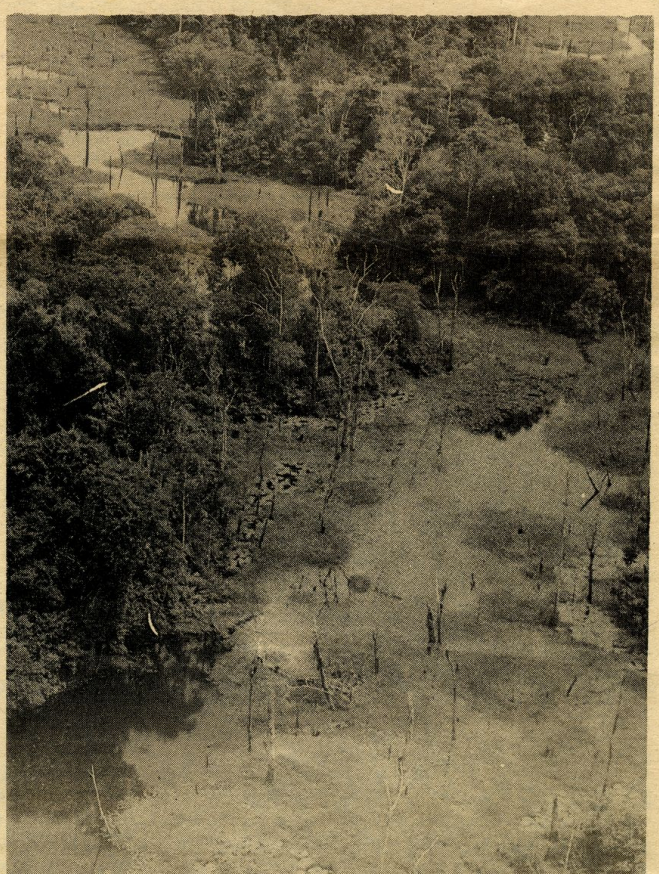
Eles são os autores dos códigos proteção de florestal que nenhum civilizado obedece nem respeita, códigos não escritos mas oficializados, códigos que impedem a devastação e o morticinio inúteis

naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. A metade desse estoque morria estorricada ao sol ou quando descia nas canoas à carência de acomodações e de males diversos. A situação modificou-se em parte, naturalmente, a partir da utilização dos lampeões a gás e das candeias domésticas. De 1860 em diante já se emprega a nafta na iluminação pública e particular e depois a energia elétrica. **Porém o que importa mesmo é que apesar do perigo de extinção da espécie, a Amazônia continua comendo tartarugas adultas e jovens, iaçá, taracaiá, iabuti, zé-prego, cabeçudo, capitari, matamatá, etc. Considerada que sempre foi o melhor alimento, pois uma só tartaruga de qualquer tamanho libera oito pratos diferentes, não há como proibir o consumo por parte das populações interioranas, embora a Polícia Federal continue agindo de acordo com resoluções que não mudam a cor e o temperamento da escolha popular.**

Foi tão disputada no século dezoito, que gerou a célebre revolução de Lamalonga, no rio Negro, com o sacrifício de centenas de pessoas entre milicianos reais e índios e colonizadores paisanos. Na mesma linha de preocupação está o peixe-boi a que nos referimos e cuja mortandade indiscriminada se pode avaliar pelas fotos não muito antigas do técnico Silvino Santos. Aliás, o que se ouve geralmente nas tevês é a informação destituída de sinceridade, do desaparecimento de outras muitas espécies animais. Parece que todo mundo no Brasil conhece a Amazônia melhor do que os filhos de cá e que eles descobriram-na após trezentos anos de descobrimento e de milhares de livros publicados, de preferência sobre as suas riquezas naturais. Blatera-se por exemplo sobre a destruição dos micos, chamados macaco-leão, no entanto se você entrar numa maloca de índios Ticuna dos rios Umariêaçu ou Javari, vê centenas deles vivendo em franca liberdade com as famílias indígenas e até dando aviso da chegada de estranhos. As mulheres Ticuna os trazem no cabelo, aos pares, bem acomodados no penteado. E eles apreciam arrinconar-se no cabelo basto das pessoas. Das araras escuras (araraúna) os eternos alarmistas dizem haver chegado o fim, no entanto é o que tem a escurecer o céu quando voam em bandos. Descobri que esse alarmismo em tom de moda (a moda da ecologia) está mais afeto ao Pantanal, região mais visitada pelo turismo jornalístico do que a Amazônia em geral.

A vocação do homem amazônico pelos animais vem no bojo da sua própria história primordial, quando à bicharada deu foros de gente, animando-a em pensamento e obras, emprestando-lhe seus próprios pecados e virtudes, cultivando através das danças, cantos, estória, lendas e mitos as virtudes e os hábitos daqueles que os pajés primordiais lhe deu por espéculo natural. Em qualquer maloca indígena ou modesto cochicholo do caboco o estranho observa a camaradagem estreita que existe entre a família e os animais, até não raro cobras e gatos maracaiás. Pelos caibros das casas, em completa liberdade, pairam papagaios, araras, periquitos, maitacas, ou circulam pelo chão junto às crianças, antas, veadinhos, cães e gatos domésticos, macacos, jacamins, mutuns, uma variedade enorme de criação, os queridos xerimbabos. Não é raro nem estranho que mulheres aleitem filhotes de bichos com o proprio peito, ao mesmo tempo que o filhinho de meses. **Essa integração maravilhosa dispensa qualquer comentário sobre a falsa e inconveniente preocupação dos misoneístas destes brasis sobre o tratamento dado a animais e plantas pelo homem amazônico. Ele dispensa perfeitamente essas e outras referências maliciosas porque já nasceu consciente de que os bichos foram noutra época os mestres dos homens.** Não é difícil compreender a razão pela qual são sempre os animais os avós primordiais do homem, foram eles que ensinaram-no a fazer tudo. Essa vocação animalística se estende ao homem dos povoados mais adiantados, embora em reduzida escala: em toda casa das cidades e vilas há sempre um cão e/ou um gato, ou passarinhos, etc. O homem está preso ao seu 'parente' por um vínculo psicológico difícil de ser entendido pelo civilizado do asfalto, que cerca seus xerimbados de muita futilidade, até de jóias preciosas, mas seria incapaz de deixar-se matar pelo bichinho de estimação. O índio adora tanto seu cão, que nas longas jornadas leva-o sob o braço para que o amigo não se canse demais.

Muita gente por estes brasis vive preocupada com o modelo exterior das lendas e mitos da Amazônia, aceitando-os apenas na sua função estética, na qualidade de derivativos do ócio intelectual de alguns poetas desaparecidos há milênios



É no fulcro da lenda e do mito que se engastam o direito não codificado, a ética disciplinadora, aquele cinturão de respeito coletivo, de disciplina moral; de contenção individua e tribal, de religiosidade punitiva, de sobrevivência a custa da supressão de normas conflitantes

O caboco, como o índio, preso daqueles tabus, não abate uma arvoré nem recolhe um animal sem necessidade

Ao boto, por exemplo, jamais se persegue, nem mesmo ao vermelho, aquele simpático que a tolice remunerada do Sul começou a chamar, por invenção do não menos tolaz Jacques Cousteau, 'boto-cor-rosa', quando na Amazônia só se o conhece por boto vermelho e diz-se tudo, inclusive a psicologia do inveterado don Juan aquático

Do que fica para ser contestado pelos interessados em disputas ecológicas, só quem não aproveita é o homem amazônico, o inveterado esquecido, o deslembrado destes brasis patrioteiros, o indigitado para esticar a canela de fome se persistirem as ameaças contra o direito que ele tem de comer tartaruga enquanto o inglês pasta faisão assado, o norte-americano digere fígado de cervo, o francês come lagosta pescada nas costas brasileiras e o japonês aprecia a baleia e seu óleo. **Todo mundo come o que bem lhe serve à barriga e que gera trabalho e dinheiro ao povo, mas o caboco amazonense está na dependência dos milhões de ecologistas que surgiram não se sabe de onde e proliferam em todas as camadas da sociedade, desde as esquinas do bamburrio às universidades. Nós que sempre defendemos a nossa região contra a agressão dos oportunistas e parvenus, consideramos simplesmente sabujice quanto se propala em favor da ecologia mas em prejuízo da economia amazônica.**

O Governo Federal sempre considerou esta parte do Brasil como um peso morto no orçamento da República, e sempre nos tirou o direito de pensarmos e agirmos como a grande maioria das pessoas. Desde o início de nossa vida política fomos tratados como enjeitados, parente pobre, enteado, puxiuera da Nação. Tudo nos tiraram, sem repor o que à nossa economia fazia falta, guaraná, juta, seringa, piaçaba, cacau, café, açúcar, álcool, estradas de rodagem, ensino universitário, participação direta nos regimes políticos, defesa das nossas fronteiras entregues ao contrabando descarado, à violação de territórios, à custódia de cidadãos índios por autoridades fronteiriças, etc. Durante muitos anos o Amazonas defendeu-se sozinho, apenas com a sua Polícia Militar, das atividades de bandos armados nas fronteiras, inclusive no Acre, sem que o Governo Central, alienado como sempre esteve, quando se trata desta região, movesse um dedo para defender um patrimônio físico que os portugueses, índios e cabocos conquistaram e defenderam sempre, à custa de centenas de vidas. Agora se fala em Ecologia, com a finalidade de fazer jornal e atrair audiência, fazendo o joguinho dos países imperialistas interessados em tutelar um pedaço da própria alma do Brasil.

A selva, para o seu inquilino, não é apenas ucharia: é um templo (pagão) respeitado

Agora se fala em Ecologia, com a finalidade de fazer jornal e atrair audiência, fazendo o joguinho dos países imperialistas interessados em tutelar um pedaço da própria alma do Brasil

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

Monteiro, Mário Ypiranga — O Regatão, Manaus, 1957

— Fundação de Manaus, 3ª ed. Rio de Janeiro, 1972

— Fatos da Literatura Amazonense, Manaus, 1976

— História da Cultura Amazonense, Manaus, Bittencourt, Agnello — Corografia do Estado do Amazonas, Manaus, 1925

Benchimol, Samuel — Estrutura Geo-Social e Econômica da Amazônia, 2 vol., Manaus, 1966

Ferreira, Alexandre Rodrigues — Viagem Filosófica à Capitânia do Rio Negro, Rio de Janeiro, 1971

Reis, Artur César Ferreira — História do Amazonas, Manaus, 1932

— A Amazônia e a Cobiça Internacional, Rio, 1960

Rangel, Alberto — Inferno Verde, Rio de Janeiro, 1914

BATES, Henry Walter — O Naturalista no Rio Amazonas.